

Intra e intertextualidade nas *Cantigas de Santa Maria*

Gladis Massini-Cagliari

Universidade Estadual Paulista (UNESP-Araraquara) / CNPq

Resumo: Este texto explora a noção de intertextualidade nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X (1121-1284), focalizando uma nuance específica desse vasto conceito: a possibilidade de auto referência, baseando-nos, principalmente, no trabalho anterior de Parkinson (1998).

Palavras-chave: Intertextualidade, *Cantigas de Santa Maria*, poesia medieval religiosa.

Abstract: This text explores the notion of intertextuality in Alfonso X's (1211-1284) *Cantigas de Santa Maria*, focusing on a specific nuance of this vast concept: the possibility of self-reference, mainly based on Parkinson's (1998) previous work.

Keywords: Intertextuality, *Cantigas de Santa Maria*, religious medieval poetry.

Tomando como norte o tema específico deste quarto volume da *Série Estudos Medievais*, este texto pretende explorar a noção de intertextualidade nas *Cantigas de Santa Maria* (doravante, CSM) de Afonso X (1121-1284), focalizando uma nuance específica desse vasto conceito: a possibilidade de auto referência, aqui denominada de “intratextualidade”, baseando-nos, principalmente, no trabalho anterior de Parkinson (1998, p. 72), que mostra que, no vasto conjunto das 420 *Cantigas de Santa Maria*, há subgrupos de cantigas com conteúdo derivado provavelmente da mesma fonte ou com características estilísticas comuns. Desta forma, o recorte que damos a esse conceito diz respeito ao fato de que alguns pares de cantigas apresentam mais do que semelhanças de conteúdo e/ou de forma, mas poderiam até ser acusadas de plágio ou de autoplágio, caso a noção de autoria fosse, naquela época, semelhante à atual.¹

Intertextualidade

1 Apesar de ser do conhecimento geral de que vários trovadores trabalharam no *scriptorium* de Afonso X, no esforço de compor o conjunto das CSM, o Rei Sábio é apontado como o autor das cantigas, segundo a ideia de autoria vigente na época. A este respeito, Montoya Martínez (1999a, p. 35) afirma que Alfonso X é indiscutivelmente o “autor” das CSM, dentro de um conceito “teológico” de autoria: “*Este concepto se asemeja muy mucho al que tiene la Iglesia acerca de la autoría divina de la Biblia. Él, que manejaba con tanta asiduidad el Libro Sagrado y conocía la teología que hacía al caso, sabía que Dios es el autor principal de este Libro, que se sirve, a su vez, de autores secundarios quienes dicen todo y sólo aquello que él quiere que digan. Esta concepción, que él pone de manifiesto en repetidas ocasiones, hay que aplicarla aquí. Y sean muchos o pocos los cantares que él compusiera, no le puede negar la autoría principal, desde este punto de vista teológico.*” A opinião expressa por Montoya Martínez baseia-se, em grande parte, no seguinte trecho da *General Estoria*, de Afonso X (conforme editado por Solalinde, 1915, p. 285-286): “*el rey faze um libro, non por quel el escriuia com sus manos, mas porque compone las razones del, e las enmienda et yegua et endereça, e muestra la manera de como se deuen fazer, e desi escriue las qui el manda, pero dezimos por esta razon que el rey faze el libro.*”

Nos estudos de Linguística Textual, o conceito de intertextualidade costuma ser definido como uma recorrência a textos prévios, no processo da construção de textos falados ou escritos. A definição adotada por Koch e Travaglia (1989, p. 88) é a seguinte:

... a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de dato texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, isto é, diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes.

Entretanto, segundo Koch e Elias (2006, p. 78), o processo de “identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende e muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura. Para o processo de compreensão e produção de sentido, esse conhecimento é de fundamental importância”.

A intertextualidade pode ser reconhecida em vários níveis, tanto em termos de conteúdo como de forma. A intertextualidade temática, segundo Koch, Bentes e Cavalcanti (2007, p. 18-19), pode ser

encontrada, por exemplo, em textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento [...]; entre matérias de jornais e da mídia em geral, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal; entre as diversas matérias de um mesmo jornal que tratam desse assunto; entre as revistas semanais e as matérias jornalísticas da semana; entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero [...]; entre diversos contos de fadas tradicionais e lendas que fazem parte do folclore de várias culturas [...]; histórias em quadrinhos de um mesmo autor; diversas canções de um mesmo compositor ou de compositores diferentes; um livro e o filme ou novela que o encenam; as várias encenações da mesma peça de teatro, as novas versões de um filme, e assim por diante.

Koch e Travaglia (1990, p. 77) afirmam que,

Quanto ao *conteúdo*, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente, uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira *explícita* ou *implícita*.

Conforme será visto na próxima seção deste trabalho, o reconhecimento da intertextualidade, principalmente temática, mas também formal, fez que com Parkinson (1998) considerasse a hipótese de haver mais de uma CSM relacionada a um mesmo material original (ou seja, um mesmo relato milagroso).

A retomada de conteúdos milagrosos nas CSM

Parkinson (1998, p. 72) mostra que, no grande conjunto das CSM, há subconjuntos de cantigas dedicadas a milagres acontecidos em santuários específicos, como os de Salas, Terena, Montserrat, Tudia e Vila-Sirga. Além destes, há os ciclos do Porto e de Castroxeriz.

Dentro do conjunto das cantigas do ciclo de Castroxeriz, podem ser encontradas cantigas extremamente similares, em termos de conteúdo e de forma. Um par que chamou a atenção de Parkinson (1998, p. 80) é formado das cantigas 242 e 249, reproduzidas, abaixo, a partir da edição de Mettmann (1988, p. 333-334 e p. 348-349, respectivamente). A cantiga 242 narra a história de um pedreiro que, estando para cair da parte mais alta da obra, ficou pendurado pelas pontas dos dedos, mas não caiu, por intervenção milagrosa da Virgem. Já a cantiga 249 conta uma história bastante semelhante, em que um pedreiro cai do alto de uma obra, mas é protegido de se machucar pela Virgem Maria.

CSM 242

Esta é como Santa Maria de Castroxeriz guariu de morte un pedreiro que ouvera de caer de cima da obra, e esteve pendorado e teve-sse nas pontas dos dedos da mão.

*O que no coraçõ d' ome | é mui cruu de creer,
pode-o Santa Maria | mui de ligeiro fazer.*

E d' ela fazer aquesto | á gran poder, a la fe,
ca Deus lle deu tal vertude | que sobre natura é;
e poren, macar nos ceos | ela con seu Fillo sé,
mui tost' acá nos acorre | sa vertud' e seu poder.
O que no coraçõ d' ome | é mui cruu de creer...

E dest' un muy gran miragre | vos quer' [eu] ora contar
que en Castroxeriz fezo | esta Reynna sen par
por un bon ome pedreiro, | que cada dia lavrar
ya ena sa ygreja, | que non quis leixar morrer.
O que no coraçõ d' ome | é mui cruu de creer...

Este era mui bon maestre | de pedra pøer con cal,
e mais d' outra ren fiava | na Virgen esperital;
e porende cada dia | vïya y seu jornal
lavrar encima da obra. | E ouve d' acaecer
O que no coraçõ d' ome | é mui cruu de creer...

Un dia en que lavrava | no mais alto logar y
da obr', e anbo-los pees | lle faliron e assi
coidou caer, e a Virgen | chamou, per com' aprendi,
os dedos en hũa pedra | deitou; e fez-lo têer
O que no coraçõ d' ome | é mui cruu de creer...

A Virgen Santa Maria. | Enas unllas atan ben
o teve, macar gross' era, | que sol non caeu per ren;
e assi chamand' estava | a Sennor que nos manten,
dependorado das unllas | e colgado por caer.
O que no coraçõ d' ome | é mui cruu de creer...

E estev' assi gran peça | do dia, com' apres' ei,
que acorrudo das gentes | non foi, segund' eu achei;
mas acorreu-lle a Virgen, | a Madre do alto Rey,
ata que vñõ a gente | e o fez en decender.
O que no coraçõ d' ome | é mui cruu de creer...

Todos quantos esto viron | loaron de coraçõ
a Virgen Santa Maria, | e aquel pedreyr' enton
ant' o seu altar levaron, | chorando con devoçõn,
e fezeron o miragre | per essa terra saber.
O que no coraçõ d' ome | é mui cruu de creer...

CSM 249

**Como un maestre que lavrava na eigreja que chaman Santa Maria d'
Almaçan, en Castroxeriz, caeu de cima en fondo, e guardó-o Santa
Maria que sse non feriu.**

*Aquel que de vontade | Santa Maria servir,
d' ocajon será guardado | e d' outro mal, sen mentir.*

E de tal razon com' esta | un miragre vos direi
que en Castroxeriz fezo | a Madre do alto Rey,
a Virgen Santa Maria, | per com' eu aprix e sei;
e por Deus, meted' y mentes | e queredo-o oyr.
Aquel que de vontade | Santa Maria servir...

Quand' a ygreja fazian | a que chaman d' Almaçan,
que é en cabo da vila, | muitos maestres de pran
yan y lavrar por algo | que lles davan, como dan
aos que tal obra fazen. | Mas un deles ren pedir
Aquel que de vontade | Santa Maria servir...

Non quera, mas lavrava | ali mui de coraçõ
pora gaannar da Virgen | mercee e gualardon.
E porend' or' ascoitade | o que ll' avẽo enton,
e senpr' averedes ende | que falar e departir.
Aquel que de vontade | Santa Maria servir...

El maestr' era de pedra, | e lavrava ben assaz
e quadrava ben as pedras | e pōyas-as en az
eno ma[i]s alto da obra, | como bon maestre faz.
E un dia fazend' esto | foron-ll' os pees falir,
Aquel que de vontade | Santa Maria servir...

E caeu ben do mais alto; | e en caendo chamou
a Virgen Santa Maria, | que o mui toste livrou:
ca pero que da cabeça sobelos cantos topou,
assi o guardou a Virgen | que sol non se foi ferir,
Aquel que de vontade | Santa Maria servir...

Nen sentiu sol se caera | nen recebeu en neun mal;
ante ss' ergeu mui correndo, | que non tev' ollo por al,
mas foi ao altar logo | da Virgen espirital

por loar a ssa mercee | e os seus bẽes gracir.
Aquel que de vontade | Santa Maria servir...

E quantos ali estavam | deron loores poren
aa Virgen groriosa, | que aos seus val e manten.
E porende lle roguemos | que senpr' ajamos seu ben
e nos gaann' o de seu Fillo, | que nos vẽo remiir.
Aquel que de vontade | Santa Maria servir...

Dada a semelhança de conteúdo, Parkinson (1998, p. 80) considera essas duas cantigas como derivadas da mesma história, duas expansões do mesmo milagre. Mostra que as primeiras 3 estrofes da CSM 249 são claramente paralelas às duas primeiras estrofes de CSM 242; da mesma forma, a quarta estrofe de CSM 249 é paralela em conteúdo à terceira de CSM 242.

A partir das semelhanças de conteúdo e de layout entre as cantigas 242 e 249, Parkinson (1998, p. 82) sugere que essas duas cantigas são elaborações do mesmo material básico: de um único milagre coletado, fez-se a cantiga original 242, com 5 estrofes; esta, subsequentemente, originou um segundo poema, CSM 249.

Outros dois pares de cantigas que, segundo o autor (PARKINSON, 1998, p. 85), também teriam a mesma relação de proximidade de conteúdo e de forma são os pares 222/225 e 136/294.

Nas CSM 222 e 225, o milagre contado diz respeito ao fato escatológico de padres terem engolido aranhas vivas. Reproduzimos, abaixo, as cantigas 222 e 225, na edição de Mettmann (1988, p. 286-288 e p. 292-294, respectivamente).

CSM 222

*Quen ouver na Groriosa | fiança con fe conplida
non lle nozirá poçõya, | e dar-ll-á por sempre vida.*

Ca ela troux' en séu ventre | vida e luz verdadeira,
per que os que son errados | saca de maa carreira;
demais, contra o diabo | ten ela por nos fronteira
como nos nozir non possa | en esta vid' escarnida.
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

Pois dizer-vos quer' éu dela | un miragre mui fremoso,
e ben creo que vos seja | d' oí-lo mui saboroso,
e demais pera as almas | seer-vos-á proveitoso;
e per mi, quant' ei apreso, | non será cousa falida.
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

En Portugal, a par dũa | vila, muy rica cidade
que é chamada Lixbõa, | com' eu achei en verdade,
á y un [rico] mõeiteiro | de donas, e castidade

mantêen, que pois nos ceos | ajan por sempre guarida.
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

Este mōesteyr' Achelas | á nom' e ssi é chamado;
e un capelan das donas, | bõo om' e ensinado,
estava cantando missa | com' avia costumado,
e avêo-ll' assi: ante | que foss' a missa fñida,
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

Quando [a] consomir ouve | o Corpo de Jhesu-Cristo,
per que o demo vençudo | foi ja por semp'r e conquisto,
caeo dentro no caliz, | esto foi sabud' e visto,
per un fi' ùa aranna | grand' e negr' e avor[r]ida.
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

O capelan hũa peça | estev' as[s]i en dultança
e non soube que fezesse; | pero ouve confiança
na Virgen Santa Maria, | e logo sen demorança
a aranna cono sangui | ouve logo consumida.
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

Pois que ouv' a missa dita, | o capelan logo dessa
foi contar est' aas donas | des i aa prioressa.
E con medo de poçõya, | mandou-o sangrar log' essa
dona e toda-las monjas, | esta cousa foy ordida.
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

Mais agora oyredes | todos a mui gran façanna
que ali mostrou a Virgen, | nunca vistas tan estranna:
pelo braço lle sayu | viva aquela aranna,
ante que sangui saisse | per u deran a fferida.
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

As donas maravilladas | foron desto feramente
e a aranna mostraron | enton a muita de gente,
e loaron muit' a Madre | de Deus Padr' omnipotente,
que todos a[o] sseu reino | comunalmente convida.
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

Nos o[u]trossi ar loemos | a Virgen Santa Maria
por tan fremoso miragre, | e roguemos noit' e dia
a ela que do diabo | nos guard' e de ssa perffia,
que pera o parayso | vaamos dereita yda.
Quen ouver na Groriosa | fiança con fe comprida...

CSM 225

**Como hũu clerigo ena missa consomiu hũa aranna que lle caeu no calez,
e andava-lle ontr' o coiro e a carne viva, e fez Santa [Maria] que lle
saysse pela unna.**

*Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso,
porque a verdad' entenda | o neicio perfioso.*

E daquest' un gran miragre | vos será per mi contado,
e d'oir maravilloso, | pois oyde-o de grado,
que mostrou a Santa Virgen, | de que Deus por nos foi nado,
dentro en Ciudad-Rodrigo. | E é mui maravilloso
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

Ontr' os outros que oystes, | e tenn' eu que atal éste
o que vos contarei ora | que avêo a un preste

que dizia senpre missa | da Madre do Rei celeste;
e porque a ben cantava, | era en mui deseioso
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

O poblo de Ila oyren. | Mas un dia, sen falida,
ena gran festa d'Agosto, | desta Sennor mui conprida
estava cantando missa; | e pois ouve consumida
a Osti', ar quis o sangui | consumir do glorioso
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

Jhesu-Crist'. E viu no caliz | jazer hũa grand' aranna
dentro no sangui nadando, | e teve-o por estranna
cousa; mais mui grand' esforço | fillou, a foro d'Espanna,
e de consumir-lo todo | non vos foi mui vagaroso.
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

E pois aquest' ouve feito, | non quis que ll' enpecesse
Deus o poçon da aranna | nen lle no corpo morresse;
e pero andava viva, | non ar quis que o mordesse,
mas ontr' o coir' e [a] carn' ya | aquel bestigo astroso.
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

E andava muit' agynna | pelo corp' e non fazia
door nen mal, por vertude | da Virgen Santa Maria;
e se ss' ao sol parava, | log' a aranna viya,
e mostrando-a a todos | dizend': «O Rei piadoso
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

Quis que polos meus pecados | aqueste marteir' ouvesse;
poren rogo aa Virgen | que se a ela prouguesse,
que rogas[s]' ao seu Fillo | que cedo mi a morte desse
ou me tolles[s]' esta coita, | ca ben é en poderoso.»
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

Esta aranna andando | per cima do espiaço
e depois pelos costados | e en dereito do baço,
des y ya-ll' aos peitos | e sol non leixava braço
per que assi non andasse; | e o corpo mui veloso
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

Avia esta aranna. | E un dia, el estando
ao sol, ora de nũa, | foi ll' o braç' escaentando,
e el a coçar fillou-ss' e | non catou al senon quando
lle sayu per so a unlla | aquel poçon tan lixoso.
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

E tan toste que sayda foi, | o crerigo fillou-a
e fez logo dela poos | e en sa bolssa guardo[u]-a;
e quando disse sa missa, | consumiu-a e passou-a,
e disse que lle soubera | a manjar mui saboroso.
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

As gentes que y estavam, | quand' ouveron esto visto,
loaron muito a Madre | do Santo Rei Jesu-Cristo;
e des ali adeante | foi o crerigo por isto
mui mais na fe confirmado, | e non foi luxurioso.
Muito bon miragr' a Virgen | faz estranno e fremoso...

Por sua vez, as cantigas 136 e 294 se referem ambas a uma mulher que, perdendo no jogo de dados, e estando por isso furiosa, arremessa uma pedra contra a estátua de Santa

Maria. No primeiro caso, o braço da estátua da Virgem salva a estátua do menino Jesus do dano; no segundo, é a estátua de um anjo quem salva a estátua da Virgem. Trazemos, abaixo, o texto dessas duas cantigas, na versão de Mettmann (1988, p. 106-107 e 1989, p. 83-84, respectivamente).

CSM 136

Esta é como en terra de Pulla, en hũa vila que á nome Foja, jogava hũa moller os dados con outras conpannas ant' hũa eigreja; e porque perdeu, lançou hũa pedra que déss' ao Menyo da omage de Santa Maria, e ela alçou o braço e recebeu o colbe.

*Poi-las figuras fazen dos santos renenbrança,
quenas cuida desonrrar mui fol é sen dultança.*

Desto direi un miragre que a Groriosa
fez grand' en terra de Pulla come poderosa
sobr' un malfeito que fez hũa moller astrosa,
por que prendeu poren morte a muy gran viltança.
Poi-las figuras fazen dos santos renenbrança...

Esto na vila de Foja foi ant' ã eigreja
u estav' hũa omage da que sempre seja
bẽeita, feita de marmor, de mui gran sobeja
beldade, en que as gentes avian fiança.
Poi-las figuras fazen dos santos renenbrança...

En essa vila, segund' eu aprix en verdade,
fillo do Emperador y era Rey Corrade;
de ssa conpanna jogavan ant' a Majestade
dados omees e molleres, com' é ssa usança.
Poi-las figuras fazen dos santos renenbrança...

Hũa moller aleimãa, tafur e sandia,
jogava y; e porque perdeu, tal felonia
lle creceu, que ao Fillo da omagen ya
corrend' e log' hũa pedra por ssa malandança
Poi-las figuras fazen dos santos renenbrança...

Lle lançou por eno rostro feri-lo Menynno.
Mais la Madr' alçou o braço logo mui festo,
e eno coved' a pedra fez-ll' un furadynno,
que lle pareceu por senpre por gran demostraça.
Poi-las figuras fazen dos santos renenbrança...

Quand' aquesta maravilla foi al Rei contada,
logo foi por seu mandado a moller fillada,
des i per toda-las ruas da vila rastrada;
desta guisa a sa Madre quis Deus dar vingança.
Poi-las figuras fazen dos santos renenbrança...

Des i el Rei a omagen ben guardar mandava,
e o pintor dessa vila toda a pintava;
mais o braço per nihũa ren non llo tornava
com' ant' era, ca non quis Deus por sinificança.
Poi-las figuras fazen dos santos renenbrança...

CSM 294

Como hũa moller que jogava os dados em Pulla lançou hũa pedra aa omagen de Santa Maria, porque perdera, e parou um angeo de pedra que y estava a mão e recebeu o colbe.

*Non é mui gran maravilla | seeren obedientes
Os angeos aa Madre daquel | cujos son sergentes.*

Onde vos rogo, amigos, | que un gran miragr' ouçades
que fezo Santa Maria | en Pulla; e ben sabiades
que, des que o ben oyrdes, | certo são que tennades
mais o coraçon en ela | e sejades chus creentes.
Non é mui gran maravilla | seeren obedientes...

Esto foi a hũa festa | desta Virgen groriosa,
que ant' hũa sa eigreja | mui ben feita e fremosa
fillou-s' a jogar os dados | hũa moller muit' astrosa
con outros tafures muitos, | que non eran seus parentes.
Non é mui gran maravilla | seeren obedientes...

Aquesta moller cativa | foi de terra d' Alemanna;
e perdendo aos dados, | creceu-ll' en tan gran sanna
que fez hũa gran sandece, | e oyd' ora quamanna,
por que guardados sejades | de seerdes descreentes.
Non é mui gran maravilla | seeren obedientes...

Hũa omagen fremosa | da Virgen Santa Maria,
de pedra mui ben lavrada | sobre la porta siia,
e dous angeos ant' ela, | e qualquer deles avia
senllas mãos enos peitos; | e enas outras tēentes
Non é mui gran maravilla | seeren obedientes...

Eran come senllos livros | de mui gran sinificança,
porque todo-los saberes | saben eles sen dultança;
as outras mãos nos peitos | tñian por semellança
que en Deus sas voontades | tēen sempre mui ferventes.
Non é mui gran maravilla | seeren obedientes...

Ond' esta moller sandia | viu hũa pedr' e fillou-a,
e catou aa omagen | da Virgen e dēostou-a
e lançou aquela pedra | por feri-la, mas errou-a;
ca os angeos que eran | ant' ela foron presentes
Non é mui gran maravilla | seeren obedientes...

Por a [ssa] Sennor guardaren. | Un deles alçou a mão
e recebeu a ferida, | mas ficou-ll' o braço são.
E quantos aquesto viron | fillaron logo de chão
a moller e dar con ela | foron nas chamas ardentes.
Non é mui gran maravilla | seeren obedientes...

O angeo teve sempre | depois a mão tenduda
que parou ant' a omagen | pera seer defenduda;
onde aquela omagen | foi depois en car tēuda
mui mais ca ante non era | de todas aquelas gentes.
Non é mui gran maravilla | seeren obedientes...

Conclusão

A partir da análise que realiza das CSM 242 e 249, Parkinson (1998, p. 85) conclui que:

This account of the genesis of cantiga 242 has interesting implications for the study of the way in which the texts and manuscripts were produced. At the textual level, it confirms the supposition that scribes rather than skilled poets were involved in the elaboration and expansion of collected miracle stories. It also suggests that composition and layout were closely connected at this stage in the compilation of the CSM, and that pages were prepared for cantigas in the royal manuscripts as soon as they were composed, as compared with earlier stages where compilers selected and ordered cantigas at leisure.

As considerações de Parkinson (1998) e a análise dos textos das cantigas apontadas por ele como muito relacionadas em termos de conteúdo e de forma empreendida na seção anterior deste artigo mostram que, para além de uma intertextualidade de conteúdo e de forma, trata-se, mais apropriadamente falando, de um caso do que aqui se denominou de “intratextualidade”, ou seja, de referência interna, de auto referência, em que um texto da coletânea reelabora outro. De um outro ponto de vista, trata-se de um processo que hoje em dia, considerando nossa concepção atual de autoria (diferente da medieval, como anteriormente apontado), poderíamos chamar de plágio (ou de autoplágio, já que é grande a possibilidade de as cantigas dos pares indicados terem sido escritas pelo mesmo trovador). Por este motivo, o título do artigo de Parkinson se refere bastante ironicamente às cantigas do ciclo de Castroxeriz a partir da expressão muito comum em liquidações de lojas inglesas: “*two for the price of one*” (“duas pelo preço de uma”).

Referências bibliográficas:

KOCH, I. G. V.; BENTES, Anna Christina; MAGALHÃES, Mônica M. *Intertextualidade: Diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1988.

METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa Maria (cantigas 261 a 427)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989.

MONTOYA MARTÍNEZ, J. *Composición, estructura y contenido del cancionero marial de Alfonso X*. Murcia: Real Academia Alfonso X el Sabio, 1999.

PARKINSON, S. Two for the price of one; on the Castroxeriz *Cantigas de Santa Maria*. In: FLITTER, D. W.; BAUBETA, P. O. (Coord.). *Ondas do Mar de Vigo: Actas do Simposio Internacional sobre a Lírica Medieval Galego-Portuguesa*. Día das Letras Galegas. Birmingham, UK: Seminario de Estudos Galegos, Department of Hispanic Studies, University of Birmingham, 1998. p. 72-88.

SOLALINDE, A. García. Intervención de Alfonso X en la redacción de sus obras. *Revista de Filología Española* (1915), p. 285-288.